

---

---

# Miliciano localiza esconderijo de armas

Quando foi raptado no dia 24 de Setembro pelos bandidos armados, a primeira coisa que ocorreu a Francisco Chirindza, foi que seria barbaramente assassinado. Não esperava que 12 dias depois guiaria um grupo de soldados moçambicanos que destruiriam um acampamento dos bandos e capturaria material capaz de armar cerca de 500 homens.

Ao ser sequestrado na tarde de quarta-feira, o maior receio de Bernardo Francisco Chirindza, 31 anos de idade, era que os bandidos descobrissem que ele pertencia às milícias populares.

Ao ser raptado, a cerca de 17 quilómetros da Vila de Magude, sede do distrito do mesmo nome, na Província do Maputo, Bernardo Chirindza disse a si próprio que deveria ocultar a sua identidade como miliciano para evitar ser assassinado.

Nos primeiros dois dias, após ter sido sequestrado pelo grupo de 20 bandidos, Chirindza e mais 15 outros prisioneiros, também capturados no bloco dois da empresa Agrícola (Estatal), foram obrigados a caminhar carregados

Bernardo Chirindza, o miliciano capturado pelos bandidos armados e que depois de conseguir fugir guiou um grupo das FPLM que destruiu um acampamento dos bandos



de bens roubados à população. Antes, obrigaram-nos a despir-se e a descalçar-se e a envergar um par de calções coçados.

Os prisioneiros foram encaminhados ao acampamento de Banhele, um posto avançado do acampamento de Matongomane, a norte da vila de Magude e a 20 quilómetros da fronteira sul-africana. Matongomane, considerado «base provincial» na região do Maputo, seria destruído dias mais tarde, a 6 de Outubro, pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Foi na madrugada desse sábado, quando helicópteros «M-25» da Força Aérea Moçambicana bombardearam o acampamento de Matongomane que, os bandidos em Banhele obrigaram os prisioneiros a carregar grandes quantidades de armamento, destinados à «base provincial», para as cercanias do campo.

Bernardo Chirindza era um dos 16 prisioneiros que transportavam as armas.

Na clareira de uma densa mata os bandidos obrigaram os seqüestrados a abrirem buracos e enteraram o material.

Tratava-se de 108 metralhadoras, de origem diversa, mas predominantemente ocidental, um conjunto de rádios transmissores marca «Racal», fabricados na África do Sul, 16 roquetes de bazuca, vários carregadores, massa explosiva, minas anticarro e antipessoal.

Na noite do dia 6 de Outubro, quando os bandidos exaustos dormiam, Bernardo Chirindza foge do pequeno acampamento onde estavam os 20 bandidos e os 15 prisioneiros. Na manhã do dia seguinte Chirindza chega ao bloco sete da Empresa Agrícola nos arredores de Magude, onde se apresenta a uma unidade do Exército Moçambicano. Daí é transportado imediatamente ao comando de operações onde revela a localização do material escondido pelos bandidos e do acampamento de Banhele.

Após verificarem a veracidade das declarações do miliciano, unidades das Forças Armadas foram desenterrar o armamento. Dias depois dar-se-ia o bombar-



No assalto ao acampamento dos bandidos armados foi capturado material capaz de armar cerca de 500 homens

deamento do campo de Banhele, para onde se tinham transferido alguns dos bandidos que escaparam ao assalto de Matongomane.

Sebastião Matobe, Chefe do Estado-Maior General do Exército Moçambicano que se deslocou a Magude para apreciar de perto o desenvolvimento da campanha contra os bandidos armados teve

um encontro demorado com Bernardo Chirindza. Em declarações à Imprensa descreveu o miliciano como «o exemplo de um moçambicano que odeia os bandidos armados e que colabora com o nosso Exército para a criação de um clima de paz, importante para o desenvolvimento económico do País». □

Convidados a pronunciarem-se sobre o caso, vários produtores, entre familiares e privados, contaram tudo o que há à volta do assunto.

No final das intervenções dos produtores, o Major-General Jorge Rebelo revelou que «fizemos o levantamento dos problemas. Ainda não encontramos as soluções, porque os problemas são muito complicados». Acrescentou que de qualquer forma «notámos que há dois grandes grupos. Por um lado

os produtores familiares que apresentam a queixa de que os privados, através de requerimentos, lhes arrancam as suas machambas e, por outro, os privados que dizem: «queremos a terra para produzir comida, mas os produtores familiares não nos deixam ocupar».

O Major-General Jorge Rebelo manifestou ter apurado que as estruturas político-administrativas ligadas à distribuição das terras, possuem «uma tendência incons-

ciente ou consciente de desvalorizar, secundarizar ou perseguir os produtores familiares», num gesto de defesa dos interesses dos considerados grandes produtores. «Esta tendência deve ser combatida», determinou. Apelou aos produtores para formarem associações «porque é uma maneira de organização do trabalho com que se pode melhorar a produção».

**R. Z.**

---